

Deus,  
a Liberdade  
e o Mal

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Plantinga, Alvin

Deus, a liberdade e o mal / Alvin Plantinga

Tradução: Desidério Murcho. – São Paulo: Vida Nova, 2012.

Título original: *God, Freedom, and Evil*.

ISBN 978-85-275-0511-6

1. Deus 2. Deus – Existência 3. Deus e o mal  
4. Religião – Filosofia 5. Teodicéia I. Título.

12-12501

CDD-212.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Deus : Existência : Filosofia da religião 212.1

Deus,  
a Liberdade  
e o Mal

ALVIN PLANTINGA

Tradução  
Desidério Murcho

Copyright ©1974, Alvin Plantinga  
Título original: *God, Freedom, and Evil*  
Traduzido a partir da edição publicada em 1977 pela  
W.B.EERDMANS PUBLISHING COMPANY

1.ª edição: 2012

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados por SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA, Caixa Postal 21266, São Paulo, SP, 04602-970  
www.vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

Proibida a reprodução por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não ser em citações breves com indicação de fonte.

ISBN 978-85-275-0511-6

Impresso no Brasil | *Printed in Brazil*

---

SUPERVISÃO EDITORIAL

Marisa K. A. de Siqueira Lopes

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Jonas Madureira

REVISÃO

Mariú Madureira Lopes

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

REVISÃO DE PROVAS

Ubevaldo G. Sampaio

DIAGRAMAÇÃO

SK Editoração

CAPA

Magno Paganelli

---

À memória de Ophelia Baarman,  
Chris Baarman e Gertrude Postma



# Sumário

Prefácio à edição em português.....	9
Introdução.....	13
<b>Parte I ATEOLOGIA NATURAL .....</b>	<b>17</b>
<b>a. O problema do mal .....</b>	<b>19</b>
1. Eis a questão: por que Deus permite o mal? .....	22
2. O teísta contradiz-se?.....	24
3. Podemos mostrar que não há aqui inconsistência? .....	39
4. A defesa do livre-arbítrio .....	45
5. Tinha Deus poder para criar qualquer mundo possível que lhe aprouvesse?.....	51
6. Poderia Deus ter criado um mundo com bem moral, mas sem mal moral? .....	63
7. Depravação transmundial e essência .....	67
8. A defesa do livre-arbítrio vindicada .....	73
9. É a existência de Deus compatível com a quantidade de mal moral que há no mundo?.....	74
10. É a existência de Deus compatível com o mal “natural”? .....	77
11. A existência do mal torna improvável que Deus exista?.....	79
<b>b. Outros argumentos ateológicos .....</b>	<b>85</b>

<b>Parte II</b>	<b>TEOLOGIA NATURAL</b>	95
<b>a.</b>	<b>O argumento cosmológico</b>	97
<b>b.</b>	<b>O argumento teleológico</b>	103
<b>c.</b>	<b>O argumento ontológico</b>	109
	1. A objeção de Gaunilo.....	113
	2. A resposta de Anselmo.....	115
	3. A objeção de Kant.....	117
	4. A irrelevância da objeção de Kant.....	123
	5. O argumento reformulado .....	124
	6. A falha fatal.....	127
	7. Uma versão modal do argumento .....	131
	8. A falha importuna.....	132
	9. O argumento reformulado .....	135
	10. O argumento triunfante .....	138

# Prefácio à edição em português

Desde a década de 80, a filosofia cristã vem passando por uma renovação que, em certa medida, tem revolucionado o universo acadêmico-filosófico. O filósofo norte-americano Alvin Plantinga é, sem dúvida, um dos responsáveis por esse movimento. Em 7 de abril de 1980, a revista *Time* publicou uma matéria intitulada *Modernizing the Case for God* [A modernização da defesa de Deus]. O interesse da matéria era noticiar essa incrível revolução entre os filósofos contemporâneos, dentre os quais Plantinga foi colocado como figura de destaque:

Deus? Ele não tinha sido derrubado dos céus por Marx, banido do inconsciente por Freud e dado como morto por Nietzsche? Darwin não o tinha expulsado do mundo empírico? Não é bem assim! Deus está de volta em meio a uma silenciosa revolução do pensamento e da argumentação que dificilmente alguém poderia ter previsto há duas décadas. O mais intrigante é que esse movimento não partiu de teólogos ou cristãos comuns — muitos dos quais sequer jamais aceitaram que Deus estivesse realmente em apuros —, mas partiu nitidamente dos círculos intelectuais de filósofos acadêmicos, cujo consenso há muito tinha banido o Todo-poderoso das discussões mais proveitosas.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup>“Modernizing the Case for God”, *Time* 115, n° 14 (April 7, 1980): 65.

Além da matéria da *Time*, que deixa bem claro que Plantinga foi o pivô dessa “silenciosa revolução”<sup>2</sup>, há também outros testemunhos de filósofos profissionais que reconhecem o papel crucial de Plantinga nesse movimento de renovação da filosofia cristã. Por exemplo, James F. Sennett, seguindo as indicações de Kelly J. Clark, lembra que Plantinga estava no centro de dois eventos catalisadores que dão testemunho do sucesso desse fenômeno. O primeiro foi a fundação da *Society of Christian Philosophers* [Sociedade de Filósofos Cristãos], em 1978. Na época, a sociedade chegou a contar com mais de 1.100 membros. Plantinga foi seu terceiro presidente, depois de William Alston e Robert Adams.<sup>3</sup> O segundo foi a apresentação e a publicação de *Advice to Christian Philosophers* [Conselho aos filósofos cristãos], a famosa aula inaugural de Plantinga, ministrada na ocasião em que assumiu a cátedra John A. O’Brien como professor de filosofia na Universidade de Notre Dame, em 4 de novembro de 1983. Nesse discurso histórico, Plantinga desafiou os filósofos da comunidade cristã a se libertarem da agenda e das preocupações do mundo filosófico não teísta. Segue um pequeno trecho do discurso:

Filósofos cristãos, entretanto, são os filósofos da comunidade cristã; e é parte de sua tarefa como filósofos cristãos servir à comunidade cristã. Mas a comunidade cristã tem suas próprias perguntas, suas próprias preocupações, seus próprios tópicos de investigação, sua própria agenda e seu próprio programa de pesquisa. Filósofos cristãos não devem extrair inspiração meramente daquilo que acontece nas universidades de Princeton, Berkeley ou Harvard, por mais atrativas e brilhantes que sejam; pois talvez essas questões e temáticas não sejam as únicas, ou não apenas as únicas, sobre as quais eles devessem refletir como filósofos da comunidade cristã. Há temas filosóficos aos quais a comunidade cristã deve se dedicar e temas outros aos quais

---

<sup>2</sup>[Plantinga é] o mais destacado filósofo protestante ortodoxo norte-americano a favor da existência de Deus.” Ibid., p. 66.

<sup>3</sup>Cf. James F. Sennett (ed.), *The Analytic Theist: an Alvin Plantinga reader*. Grand Rapids, Michigan/Cambridge, UK: Eerdmans, 1998, p. xii.

ela deve se dedicar filosoficamente. E é óbvio que os filósofos cristãos são aqueles que devem fazer o trabalho filosófico necessário. Se eles concentrarem seus maiores esforços em tópicos populares do mundo filosófico não cristão, negligenciarão uma parte crucial e central de sua tarefa como filósofos cristãos. O que é necessário aqui é mais independência, mais autonomia em relação aos projetos e preocupações do mundo filosófico não teísta.<sup>4</sup>

Na comunidade cristã, tanto o pastor quanto o teólogo são desafiados a lidar com questões filosóficas por meio do uso de ferramentas da experiência pastoral e da teologia; porém, como disse Plantinga, há também espaço para os que são desafiados a lidar com tais questões por meio do uso de ferramentas da própria filosofia. Estes são os chamados “filósofos cristãos”. Por exemplo, o assim chamado “problema do mal” é uma questão filosófica que deve receber não somente um tratamento pastoral e teológico, mas também filosófico, i.e., um tratamento que recorre a ferramentas da própria filosofia.

É exatamente isso que Plantinga oferece em *Deus, a liberdade e o mal*. Nesta obra, ele mostra como o problema do mal — uma questão filosófica com implicações diretas sobre a experiência pastoral e a teologia cristã — pode receber um tratamento filosófico, em especial, um tratamento que lança mão de ferramentas da lógica modal e da semântica de mundos possíveis.

A obra está dividida em duas partes. Na primeira parte, Plantinga faz uma crítica à ateologia natural, ao apresentar tanto argumentos para mostrar que a existência de Deus e do mal não implicam uma contradição quanto argumentos para mostrar que a existência de Deus, tal como é compreendida pelas grandes religiões monoteístas, é compatível com a existência do mal no mundo. Na segunda parte, Plantinga faz uma crítica aos principais argumentos da teologia natural (os argumentos cosmológico, teleológico e ontológico),

---

<sup>4</sup>Ibid. p. 298-299.

acompanhada de uma análise mais pormenorizada e bastante instigante do chamado “argumento ontológico”.

Uma última palavra deve ser dita sobre a clareza do texto. Apesar de usar ferramentas da filosofia, o livro que o leitor tem em mãos não é direcionado apenas a filósofos profissionais. Como o próprio autor faz questão de mencionar, o livro foi escrito principalmente para o leitor comum, o teólogo e o principiante em filosofia. É notório o esforço de Plantinga para explicar cada proposição e argumento de forma clara e simples tanto quanto possível. Se o leitor tiver paciência de acompanhar seu raciocínio, seguindo à risca as orientações do autor e buscando compreender cada passo de sua argumentação, no final da leitura, a recompensa será inevitável. Afinal, a filosofia não é uma disciplina que se dedica a falar o que todo mundo já sabe com palavras que ninguém entende.

JONAS MADUREIRA  
Editor

# Introdução

Este livro discute e exemplifica a filosofia da religião, ou seja, a reflexão filosófica sobre temas centrais da religião. A reflexão filosófica sobre esses temas (que não difere muito do simples pensamento árduo) tem uma história longa: remonta pelo menos ao séc. V a.C., quando alguns gregos pensaram longa e arduamente sobre a religião que haviam recebido dos seus antecessores. Na era cristã, essa reflexão filosófica começa no primeiro ou segundo século com os pais da igreja primitiva, ou com a “Patrística”, como também é conhecida; e tem continuado desde então.

O coração de muitas das grandes religiões — cristianismo, judaísmo, islamismo, por exemplo — é a crença em Deus. Claro que essas religiões — religiões *teístas* — diferem entre si quanto ao modo de conceber Deus. A tradição cristã, por exemplo, dá ênfase ao amor e à benevolência de Deus; na perspectiva islâmica, por outro lado, Deus tem um caráter um tanto mais arbitrário. Entre os teólogos alegadamente cristãos também há ultrassofisticados que proclamam libertar o cristianismo da crença em Deus, procurando substituí-la pela confiança no “Ser em si” ou no “Fundamento do Ser”, ou algo parecido. Todavia, continua a ser em grande parte verdadeiro que a crença em Deus é o fundamento dessas grandes religiões.

Ora, a crença *em* Deus não é o mesmo que acreditar que Deus existe, ou que *há* algo como Deus. Acreditar que Deus existe é aceitar simplesmente uma proposição de um dado gênero — uma proposição que afirma que há um ser pessoal que, digamos, sempre existiu desde a eternidade, é todo-poderoso, perfeitamente sábio, perfeitamente